



PARA UMA CRÍTICA DA CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO SUL GLOBAL ¹

Joicimar Machado Pizani², Douglas Cesar Lucas³

¹ Pesquisa desenvolvida na Unijuí; financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - PROBIC/PROBITI-FAPERGS.

² Bolsista FAPERGS; estudante do curso Direito da UNIJUÍ. E-mail: joicimar.pizani@sou.unijui.edu.br sob a orientação do Prof. Dr. Douglas Cesar Lucas.

³ Doutor em Direito (UNISINOS). Pós-doutor pela *Università degli Studi Roma Tre*. Professor permanente de graduação, mestrado e doutorado em Direito (UNIJUÍ). E-mail: Doglasl@unijui.edu.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa analisar de forma crítica e multifacetada as estruturas de opressão que moldam nossa sociedade e reconhecer o impacto de temas fundamentais como a democracia racial, o feminismo, o movimento negro, e a crítica à colonialidade de forma objetiva para entender a complexidade das lutas sociais e culturais no Brasil e na América Latina.

Esse estudo é essencial para entender e combater o racismo estrutural, e as desigualdades de classe que afetam particularmente as mulheres negras, o trabalho abrange abordagens decolonial, interseccional e psicanalítica. A abordagem decolonial critica o viés eurocêntrico nas ciências sociais e no feminismo ocidental, conectando-se com intelectuais das epistemologias do sul global.

METODOLOGIA

Na realização deste artigo, foi utilizado o método hipotético-dedutivo (Lélia Gonzalez), observando os seguintes procedimentos: seleção de bibliografia e documentos afins à temática e em meios físicos e na rede de computadores, interdisciplinares, capazes e suficientes para a construção de um referencial teórico coerente sobre o tema em estudo que responda o problema e reflexão crítica sobre o material selecionado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

CRÍTICA AO EUROCENTRISMO: O FEMINISMO OCIDENTAL E SUAS (DES)CONEXÕES COM INTELLECTUAIS DO SUL GLOBAL



O eurocentrismo, conforme argumentado por Lélia Gonzalez (2020), é uma ideologia que privilegia e centra as experiências, valores e perspectivas europeias, marginalizando e subalternizando outras formas de conhecimento e existência. Este conceito não é apenas uma forma de centralizar a Europa como o padrão civilizatório, mas também um instrumento de poder que perpetua a hegemonia cultural e intelectual do Ocidente, onde “o homem branco europeu se coloca como superior às demais raças, etnias e culturas [...] e deixou resquícios arraigados à nossa gênese cultural até os dias de hoje” (Brussio; Alves de Souza, 2023, p. 265).

No campo do feminismo, o eurocentrismo se manifesta na universalização das experiências das mulheres brancas ocidentais como normativas, ignorando as especificidades das mulheres negras e de outras mulheres racializadas. Gonzalez (2020, p. 135) critica essa tendência ao afirmar que a luta feminista deve ser historicamente e culturalmente situada. Assim, a visão anti-racista é fundamental como elemento inerente aos princípios do feminismo, uma vez que a interseção do sexismo, racismo e classismo coloca as mulheres negras em uma situação de opressão extrema. Neste sentido, nenhum movimento feminista pode ser genuinamente considerado como tal se não priorizar o combate a estas estruturas discriminatórias. Desta forma, a luta feminista, para ser verdadeiramente inclusiva e representativa, deve levar em consideração as diferentes realidades vivenciadas pelas mulheres ao redor do mundo. Essa abordagem exige um reconhecimento das diversas formas de opressão que as mulheres enfrentam, que são profundamente influenciadas por fatores históricos, culturais, raciais e socioeconômicos. No contexto latino-americano, Gonzalez aponta que o eurocentrismo ignora a riqueza e complexidade das culturas africanas que moldaram a identidade da região. A imposição de uma visão eurocêntrica resulta em uma forma de epistemicídio, onde os saberes e práticas tradicionais são desvalorizados ou apagados, onde



[...] gente cai diretamente na questão do eurocentrismo; se percebe que a sociedade brasileira como um todo é uma sociedade culturalmente alienada, culturalmente colonizada, na medida em que todos os valores de um pensamento, de uma arte, enfim, de tudo que vem da Europa, do mundo ocidental, é o grande barato. E é por aí que dá pra gente entender, inclusive, a impostação do próprio discurso da esquerda, que é um discurso que se articula dentro dos valores de uma civilização ocidental; ora, o nosso propósito, o nosso objetivo — o que é uma dureza — é exatamente tentar subverter a ordem desse discurso, no sentido do povo mesmo (Ibidem, p. 271)

Este apagamento não é apenas uma questão de representação simbólica, mas também tem consequências materiais concretas, perpetuando desigualdades estruturais que afetam profundamente as mulheres negras. Além disso, destaca-se que o eurocentrismo no feminismo não apenas marginaliza, mas também impõe uma narrativa de salvação, onde as mulheres do Sul Global são vistas como vítimas passivas que precisam ser resgatadas pelos movimentos feministas ocidentais. Essa perspectiva paternalista ignora as formas de resistência e auto-agência e afirmação das mulheres racializadas enquanto sujeitos em si mesmas e perpetua uma dinâmica colonial de poder.

A MULHER NEGRA NO FEMINISMO SUL-AMERICANO E A INTERSECCIONALIDADE DE RAÇA, GÊNERO E CLASSE

Gonzalez (2020) adota uma abordagem que interliga raça, classe e gênero, posteriormente caracterizada pelo termo "interseccionalidades", que articula essas relações. Esse conceito é utilizado para examinar a sociedade brasileira e o mito que a sustenta simbolicamente: a democracia racial, representada pela figura da mulher negra. Em sua análise, Gonzalez emprega uma perspectiva interdisciplinar que integra o marxismo e a psicanálise, além das ciências sociais e da história, culminando na sua tese sobre o racismo como um sintoma que define a neurose cultural brasileira. A autora apropria-se dos argumentos desses teóricos, reelaborando-os dentro de sua própria argumentação.

O que ocorre nas relações sociais é negado pelo discurso. Assim, o racismo latino-americano é altamente sofisticado por manter negros e indígenas em uma condição subordinada, graças à ideologia do branqueamento que perpetua a crença de que as classificações e valores do ocidente branco são os únicos e verdadeiros. Essa ideologia gera o desejo de embranquecer, levando à negação da própria cultura e raça.



Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca demonstra sua eficácia pelos efeitos dos estilhaçamentos, de fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (limpar o sangue, como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura. (Gonzalez, 2020, p. 119)

Desta forma, o âmbito do recalque característico do racismo no Brasil, a mulher negra é a mais afetada. Ela se encontra em uma situação de ambiguidade, transitando entre os estereótipos da mãe preta, da mulata do carnaval e da serviçal. A mudança dessa estrutura só é possível por meio da revelação dessa neurose cultural brasileira e seus sintomas, além da conscientização da população negra ao se apropriar de seu próprio discurso.

Apesar dos avanços, as mulheres negras continuam a enfrentar um racismo estrutural que as mantém em posições subalternas e menos remuneradas. O reconhecimento dessas desigualdades é o primeiro passo para a construção de um mercado de trabalho mais justo e equitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, o legado de Lélia Gonzalez permanece profundamente relevante e influente na contemporaneidade, oferecendo uma análise crítica e multifacetada das estruturas de opressão que moldam nossa sociedade. Suas abordagens decolonial, interseccional e psicanalítica fornecem ferramentas essenciais para entender e combater o racismo estrutural, o sexismo e as desigualdades de classe que afetam particularmente as mulheres negras. A crítica ao eurocentrismo e à universalização das experiências femininas ocidentais, bem como a valorização das epistemologias do sul global, sublinham a importância de uma perspectiva inclusiva e diversa no feminismo. Destacou-se a necessidade urgente de reconhecer e abordar as interseções entre raça, gênero e classe para promover uma sociedade mais justa e equitativa. Ao resgatar e valorizar as contribuições das mulheres negras, Gonzalez nos convoca a uma reflexão crítica e transformadora, reafirmando a centralidade da memória histórica e da ancestralidade na luta por direitos e reconhecimento. Sua contribuição teórica e prática continua a inspirar e orientar movimentos sociais e acadêmicos, reafirmando a



importância de uma abordagem interseccional e decolonial no combate às opressões contemporâneas.

Palavras-chave:

Interseccionalidade. Racismo estrutural. Decolonialidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES DE SOUSA, Janayna; BRUSSIO, Josenildo Campos. Racismo estrutural no Brasil: a luta por uma sensibilidade do mundo decolonial. **ODEERE**, v. 8, n° 1, 2023, p. 264-284. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/11658>. Acesso em: 18 maio 2024.

CESAIRE, Aime. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora: 1ª ed., 1978. Disponível em: <https://antropologiadeoutraforma.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/aime-cesaire-di-scurso-sobre-o-colonialismo.pdf>. Acesso em: 20 maio 2024.

SCOLA DUTRA, Gabrielle; COLET GIMENEZ, Charlise Paula. **Gênero e raça na modernidade periférica brasileira: a existência das mulheres negras nas favelas da cidade do Rio de Janeiro sob a perspectiva da Teoria Sistêmica**. Blumenau: Editora Dom Modesto, 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

RIOS, Flavia; RATTI, Alex, **A perspectiva interseccional de Lélia Gonzalez**. 2010. Disponível em: <https://estudosetnicosraciais.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/04/264872160-a-perspectiva-interseccional-de-lelia-gonzalez.pdf>. Acesso em: 18 maio 2024.